

## **APRESENTAÇÃO**

### **MEMÓRIAS, NARRATIVAS E ESCRITAS DE SI: UM DIÁLOGO SOBRE PROCESSOS IDENTITÁRIOS E FORMATIVOS**

Desde os primórdios, os humanos recorrem às imagens e às palavras como meio de contar suas histórias e as transpor para suas representações espacial e temporal, inscrevendo sua existência e experiências como um modo de ter acesso ao seu passado, como forma de aprender e refletir sobre si no presente e no futuro. Desse modo, é cada vez mais acentuado o número de pesquisas que primam pelos estudos (auto)biográficos, seja como método, fonte e/ou estratégia de pesquisa. O foco nas poéticas da existência, nos processos de formação, considerando as narrativas de si e o trabalho da memória, portanto, tem se tornado cada vez mais expressivo-premente, revelando a importância dessas abordagens.

Assim sendo, o Dossiê da Pontos de Interrogação apresenta nesta edição a temática “Memórias, narrativas e escritas de si nos processos identitários e formativos” proveniente de pesquisas e reflexões produzidas nas áreas da literatura, educação, sociologia, antropologia, história, filosofia, dentre outras. Os estudos desenvolvidos nessas áreas de conhecimento mobilizaram em nós o desejo de organizar esta coletânea de artigos que atravessam, de forma transdisciplinar, categorias teóricas, como: memória, identidade e narrativa de si; experiências de vida e formação docente; documentação biográfica; narrativas autobiográficas como dispositivos de formação; escrita de si e os marcadores sociais; reficcionalização de si e estética da existência; corpo e jogo dramático frente formatações e colonialidades, entre tantos outros que se pode mapear.

Tais categorias evidenciam a importância da narrativa na constituição dos sujeitos e até mesmo na construção da memória de uma comunidade, de um povo e de uma nação. Ao mesmo tempo, os estudos também têm sinalizado a necessidade de uma problematização em torno de uma noção de sujeito, de identidade e de representação de si no processo de

“figurações com as quais representam sua existência”<sup>1</sup>. Tudo isso reforça a significância de se promover reflexões que retomem memórias e documentos da cultura que nos possibilitem pensar os processos intersubjetivos, considerando os projetos de si, a relação entre saberes e poderes, ou seja, os contextos e agentes diversos que incidem nos processos formativos. Nesse sentido, buscamos acolher artigos científicos que, de modo geral, discutam a relação entre narrativas, memórias e identidades, os processos formativos e os marcadores sociais que implicam nesse movimento de escrita e reescrita de si.

Desse modo, o presente Dossiê, ao reunir artigos científicos sobre a temática proposta, amplia vertentes, corpus e metodologias, que nos permitem também observar as ciladas no processo de formação e pesquisa, as demandas e perspectivas no jogo, por vezes naturalizado, de lembrar e esquecer, de nos formarmos e sermos formados, sem desconsiderar, nesse teatro, o papel da narrativa, do trabalho com os signos na autorreflexão, na reinvenção de si, do outro e de um mundo.

Os artigos reunidos nesta edição se constituem em diversas vozes e discursos que presentificam os modos epistemológicos de construir pesquisas e conhecimentos na contemporaneidade, onde professores, pesquisadores e estudantes de pós-graduação compartilham relatos de experiências, análises de dados e resultados de pesquisas que dialogam com as fontes, que se revelam (auto)biográficas, através de relatos orais, memoriais, cartas, histórias de vida, narrativas literárias e audiovisuais, movimentos corporais, entrevistas narrativas e/ou biografias. Tudo isso se configura como objetos epistêmicos que atravessam os estudos de memórias, identidades, formação de professores, estudo de gênero e ensino de leitura literária etc., como resultados de investigações produzidas por pesquisadores diversos que se colocaram a ouvir, reinterpretar, recontar histórias, refletindo sobre as variadas formas de (se) narrar e (se) fazer existir .em espaços também múltiplos.

---

<sup>1</sup> DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Trad. Maria Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Luís Passeggi. São Paulo: Paulus, 2008.

As narrativas dos pesquisadores ressoam suas singularidades como inquietações existenciais, que acentuam ainda mais sua relevância se considerarmos esses tempos pandêmicos. Se a nossa experiência está sustentada pela continuidade da vida e pela estética como performance infinita do momento, é também a experiência “labuta da pesquisa” que nos impulsiona a continuar e permanecer no/ com diálogo. Desse modo, esse Dossiê se constitui como dispositivo que desvela além da nossa experiência, a nossa existência, resistência e resiliência. Como professores e pesquisadores, buscamos através da investigação mostrar que a vida pulsa através de cada sujeito colaborador das nossas pesquisas e de cada narrativa compartilhada, materializada e publicada. Neste momento de crise educacional, política, social, econômica e acadêmica, a pesquisa na graduação e pós-graduação assume o lugar de debate e da crítica epistêmica aos estudos culturais, pós-culturais, linguísticos, literários e educacionais; abrindo espaço para se pensar a pesquisa, a formação de professores pesquisadores, sobretudo a formação subjetiva de modo mais amplo.

Portanto, como dispositivos para refletirmos sobre nossa formação humana, considerando os entraves que a impedem, como os preconceitos e condicionamentos de classe, raça/etnia, sexualidade, gênero, geração entre outros; assim como refletirmos sobre nossa formação docente e o papel que podemos assumir nessa teia narrativa, que envolve a memória de si e o projeto de vida tecidos sempre intersubjetivamente, os artigos do nosso Dossiê trazem várias perspectivas, como já sinalizamos, enriquecendo nosso debate. Os diversos cruzamentos discursivos-teóricos que os integram evidenciam a multiplicidade de olhares, de temáticas, de objetos e procedimentos metodológicos em torno dos estudos (auto)biográficos, sendo aqui congregados nessa proposta de diálogo, enfatizando as narrativas de si, as memórias e os processos identitários e de formação também docente. Esse diálogo reflexivo aproximou os estudos propostos pelo Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural com os de outros pesquisadores e grupos de pesquisa, visto que o mosaico de textos que apresentamos aqui são oriundos de diversas instituições/universidades do país, bem como de fora do Brasil, revelando outras epistemologias, outros posicionamentos em prol de uma outra ciência, que considere fulcral ampliar os canais de escuta e percepção

para se encarar a reflexão necessária sobre a formação humana, sobre uma outra humanidade possível.

Assim, sob o guarda-chuva temático, expresso no título: “Memórias, narrativas e escritas de si nos processos identitários e formativos”, abrigam-se os textos selecionados para este volume da Revista Pontos de interrogação, que, como já pontuamos, se ramificam, se enlaçam em diversas trilhas teórico-críticas. Através dos resumos, ou imagem desenhada para cada um deles abaixo, podemos perceber a riqueza de conteúdo, resultante de pesquisas que expressam com propriedade traços metodológicos e epistemológicos que sinalizam possibilidades de transformação advinda do ato imbricado nos movimentos de pesquisar, narrar, escrever e construir conhecimento implicado em novas configurações de modos de vida e suas relações com a sociedade.

O artigo intitulado “A memória-afetiva em *la novela de mi padre*: construções e desconstruções familiares na literatura cubana”, de autoria de Antonio Martínez Nodal e Adriana de Borges Gomes, apresenta uma análise da obra *La novela de mi padre* (2017), de Eliseo Alberto (1951-2011), jornalista, romancista e um dos principais narradores latino-americanos contemporâneos. O romance é constituído por alguns memoriais que abarcam a irmã de Alberto, a escritora infanto-juvenil Josefina de Diego (1951), e seus tios, os poetas Cintio Vitier (1921-2009) e Fina Garcia Marruz (1923). O texto mostra que as construções e desconstruções afetivas de Eliseo Alberto definem suas bases ideológicas e revelam, ao mesmo tempo, um dos conjuntos familiares literários mais significativos de Cuba até hoje.

“Desvelando o diário lo íntimo de Juana Manuela Gorriti”, de autoria de Joselma Maria Noal, apresenta *Lo íntimo*, da argentina Juana Manuela Gorriti (1816-1892), discutindo sobre as características autoficcionais na obra classificada como diário: o jogo entre realidade e ficção, a tripla e una identidade (narrador, protagonista, autora) que busca o autoconhecimento, pelo caráter terapêutico da escrita e a pela desordem cronológica. Assim, o estudo das memórias individual, coletiva e histórica se entrecruza na obra, reafirmando o caráter inovador da escrita de Gorriti que pode ser considerada uma precursora na escrita autoficcional hispano-americana.

O artigo de Solange Brito, Bárbara Cristina Moreira Sicardi Nakayama, Cláudia Maria Duran Meletti e Leandro Limoni de Campos Fonseca, denominado “Mapeamento sistemático de experiências formadoras e dispositivos de pesquisa-formação: contribuições da abordagem (auto)biográfica” apresenta os resultados, como sugere seu título, de um mapeamento sistemático de teses e dissertações, no Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, que assumem a abordagem (auto)biográfica na pesquisa em Educação e discutem experiências formadoras a partir de dispositivos de pesquisas-formação. Com isso apresentaram também o cenário cronológico, geográfico e institucional das pesquisas encontradas, e, ao fim, destacaram elementos fundamentais no que diz respeito aos sujeitos dessas pesquisas, o referencial teórico que as marcam, bem como as metodologias que ajudam a engendrar dispositivos diversos desenvolvidos no campo investigativo, que toma a abordagem (auto)biográfica como parâmetro. Dessa forma, torna-se aberto a reflexões sobre o campo dos estudos autobiográficos, tendo em vista a pesquisa-formação, favorecendo também leituras complementares que considerem aspectos singulares sobre o mapeamento realizado, relacionados à pesquisa (auto)biográfica.

Danielle Monteiro Behrend, Cláudia da Silva Cousin e Maria do Carmo Galiazzi, autoras do artigo “A importância da narrativa autobiográfica para a constituição da pesquisadora e professora educadora ambiental”, abordam sobre a narrativa do processo de constituição de uma pesquisadora professora educadora ambiental. A metodologia de pesquisa embasou-se na proposta de Pesquisa-formação, pelo seu potencial pedagógico, por meio da Entrevista Narrativa com professores e coordenadores pedagógicos das escolas de Educação Básica.

O artigo “Autobiografia e formação humana: refletindo com Goethe”, escrito por André Augusto Diniz Lira e Maria da Conceição Passeggi, apresenta um estudo da obra de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) – *De minha vida: poesia e verdade* – com foco na análise do prefácio à obra em que o autor responde a uma carta de amigos leitores, compreendida como um texto do próprio Goethe, e explicita pontos e contrapontos de sua opção por uma escrita autobiográfica para satisfazer o pedido de seus leitores.

Em “Memórias na velhice e narrativas de si a partir de objetos biográficos” as autoras Leila Mara Oliveira Nogueira, Laura Carmilo Granado, Bruna Gabriela Marques e o autor Rodrigo Jorge Salles apresentam um estudo sobre os objetos biográficos na velhice, tendo como campo teórico-metodológico o referencial psicanalítico sobre memória, velhice e narrativas de si. Os objetos biográficos são objetos pessoais que acompanham o idoso ao longo de sua trajetória de vida, possuindo um importante valor afetivo e pessoal. Estes objetos configuram-se como testemunhas de experiências subjetivas por acompanharem os indivíduos no processo de constituição de memórias, histórias e identidades individuais e coletivas.

Vera Brandão e Beltrina Côrte, autoras do artigo intitulado “Narrativas de formação continuada em territórios de fragilidades: Tecendo Teias de Saberes”, utilizam a metodologia dialógico-narrativa no tema do envelhecimento humano, uma experiência considerada por elas nos últimos 20 anos. As autoras apresentam as bases teóricas metodológicas e os procedimentos didáticos do projeto de educação continuada e pesquisa para grupo inter profissional, que atua em Centro-Dia para Idosos (CDI), da cidade de São Paulo, composto por psicólogo, assistente social, nutricionista, enfermeira e terapeuta ocupacional, além de 10 cuidadores de nível médio. No contexto da pesquisa, os resultados iniciais apontam que: vincular as narrativas profissionais e pessoais às dimensões sócio antropológicas da experiência humana, por meio dos conhecimentos formais e das experiências vividas no binômio vida-trabalho e que, narradas e partilhadas, podem abrir caminho do reconhecimento de si e da equipe de trabalho no território, feito no formato remoto virtual no período pandêmico (2020-2021). Os resultados da pesquisa mostram renovação e expectativa nesse novo processo formativo recriado na pandemia.

Breno Silva, em seu texto “O carbono e as memórias dos outros”, realiza uma interessante reflexão sobre a memória e sua relação com o imaginário, com a escrita, com a tradução dos “quase sem palavras”, espremendo as letras, a razão, a realidade, a subjetividade, a humanidade para outras possibilidades, que emergem dos que foram obliterados por uma memória narrativa dominante, homogênea e verdadeira, que dita a vida e a morte totalitária. Isso é articulado sob a tópica do trauma e da melancolia,

trazidas pela pós-memória, em que subsiste a possibilidade de liberação num tempo-espaço mítico, enquanto locus de revolta. Toda essa tessitura é articulada a partir do movimento reflexivo e de digressão do autor sobre a trama que constitui o seu livro, denominado *O carbono*, resultante do projeto Espaço Memória, que buscou produzir narrativas dos moradores do São Benedito, com ênfase nas constituições desse território do município de Santa Luzia, situado na divisa com Belo Horizonte. Nesse processo uma pergunta chave foi: o que significa escrever sobre a memória dos outros?

Em “Um registro artificial da memória contemporânea: os blogs”, artigo escrito por Naiana Pereira de Freitas e Nancy Rita Ferreira Vieira, as autoras objetivam discutir em que medida os *blogs* podem ser uma nova forma de arquivar a memória pessoal e a coletiva, principalmente quando se atrela a esta conjuntura os textos escritos sob o viés de uma autoria feminina. A reunião da memória individual com a força da memória literária, portanto coletiva, ativa uma potência no *blog Aeronauta* da escritora baiana Ângela Vilma. Assim, a discussão empreendida neste texto considera a memória como um processo que se encontra em constante transformação devido a fatores históricos e/ou sociais e que podem estar tanto no campo individual como no coletivo.

“Memória, identidades e angolanidades em Ana Paula Tavares” é o título do artigo de Michelle Aranda Facchin. Com este texto, a autora, considerando a literatura como arquivo da memória e da identidade cultural, promove reflexões sobre a representação das populações angolanas marginalizadas e a centralidade literária dos que foram historicamente situados nas margens, através do estudo de parte da obra da autora angolana Ana Paula Tavares. Neste estudo destaca a ancestralidade e alteridade de sua escrita como elementos importantes para a construção identitária da nação angolana no contexto pós-independência. Dessa forma, tomando como palavras chave representação, alteridade e angolanidade, reforçam a importância da produção literária como espaço de luta e resistência contra dominação colonial, subvertendo a mentalidade imperialista, a violência epistêmica construída pelas textualidades hegemônicas. Nesse jogo de reexistência, a memória também seria peça chave, visto que é pelo regate do passado, de valores apagados, que literaturas africanas, como da autora em

foco, estão tornando visíveis comunidades marginalizadas, fomentando tanto um processo de consciência crítica sobre os processos neutralizadores dos sujeitos e de “fala própria”, quanto de escuta desses povos.

Assim também, em “Memórias resgatadas: uma análise do romance *Becos da memória*, de Conceição Evaristo,” Solange Santana Guimarães Morais, Erika Maria Albuquerque Sousa e Valéria de Carvalho Santos tomam a memória como elemento fundamental, articulada à narrativa literária, neste caso, de Conceição Evaristo, através do seu romance *Becos da memória*. Assim, as autoras congregam sua discussão para uma articulação entre memória, identidade e condições de produção e legitimação de uma enunciação, de memórias de pessoas invisibilizadas, oprimidas, desconsideradas, como expressa Conceição Evaristo no seu livro *Becos da memória*, eleitos, a vida de Conceição e o livro citado, como suporte para essa reflexão. Desse modo, destacam a importância da narrativa literária, como receptáculo da invenção suprimindo as lacunas do lembrar, como dispositivo capaz de dar forma a certas vivências, memórias, como narrativa que se abre para interpretações, reflexões subjetivas, sociais. Portanto, respondendo a esse chamado, o texto nos leva a refletir sobre a importância de se criar condições de produção e de legitimação para que outras memórias/vivências sejam resgatadas/reencenadas/legitimadas para o povo negro, o povo das favelas, de Conceição Evaristo, de sua narradora Maria Nova. Assim, outras minorias sejam ouvidas, lidas, de modo que se enfrente/se percorra/se pastiche/se reinvente os becos de memórias de brasileiros e de brasileiras.

Daniela Batista Santos, no seu texto “Memórias do projeto Matemática é show e as narrativas autobiográficas: dispositivos para uma práxis lúdica, crítica e cultural”, vai nos contar sobre o Projeto Matemática é show, efetivado na Universidade do Estado da Bahia, que vem, desde 2011, desenvolvendo atividades que articulam teoria e prática na formação de licenciandos em Matemática, a partir da construção de materiais didáticos diferenciados, lúdicos e contextualizados e atividades realizadas fora dos muros da Universidade, por exemplo, em escolas e na praça pública de Alagoinhas, cidade onde se situa o campus II da Universidade. Para contar essa história, recorre às memórias, às narrativas autobiográficas de participantes, envolvidos com o Matemática é show. Com isso, promove uma

reflexão sobre as contribuições deste projeto para a formação docente, nos levando a pensar sobre a importância das memórias, da retomada destas, através das narrativas autobiográficas, que explicitaram como a identidade docente dos monitores, assim como a identidade da matemática e da própria Universidade foi se (des)construindo, se fortalecendo, tomando como parâmetro o ensino, a pesquisa e a extensão conjugados, assim como a ludicidade, a afetividade e a solidariedade, tão importantes para a edificação de uma universidade interativa e autocrítica, que produza conhecimentos que intervenham na sociedade, bem como professores (auto)críticos dos saberes e poderes.

“Signos do cuidado: narrativas de professores frente aos impactos da pandemia” de autoria de Maria de Fatima Berenice da Cruz analisa e discute os impactos causados na vida de docentes nesse período pandêmico, levando-os à inserção, de forma abrupta, no desconhecido mundo digital. Para melhor evidenciar a situação, a autora apresenta no texto os depoimentos de dois professores de Língua Portuguesa que narram os seus desafios e expectativas na condução do trabalho de leitura e escrita em salas remotas. Para uma eficaz consecução metodológica, foram utilizados instrumentos bibliográficos e documentos narrativos dos referidos professores de Língua Portuguesa que atuam respectivamente na educação básica e na educação superior.

O artigo intitulado “Espaço biográfico de Saquinho: as casas das mulheres idosas, os saberes (auto)biográficos e os domínios de si”, de autoria de Aurea da Silva Pereira, aborda sobre a representação que a casa tem como espaço biográfico das trajetórias de vida de cinco mulheres idosas da comunidade rural de Saquinho, município de Inhambupe (BA). As casas das mulheres possuem legado histórico e sociocultural construído por cada uma delas. Para a coleta de dados, utilizou-se a pesquisa qualitativa com ênfase para os métodos etnográfico e biográfico, bem como a apropriação e utilização da entrevista narrativa. No processo de análise dos excertos textuais, percebe-se que as casas se constituem como lugar de poder, proteção e domínio. Fica evidente nas narrativas das mulheres idosas que a casa tem um significado especial, assumindo sentidos pessoais os quais extrapolam a concepção de mero espaço físico.

Jailma dos Santos Pedreira Moreira e Júlia dos Anjos Costa em “Reescrita de mulheres: *Orange is the new black* e o encarceramento feminino na tela da vida”, com o amparo da crítica cultural, feminista e (auto)biográfica, se debruçam sobre a websérie *Orange is the new black*, que foi produzida de forma majoritária por mulheres e é fruto da adaptação do livro autobiográfico de outra mulher: Piper Kerman, que passou um tempo na prisão, nos EUA. Diante do exposto, buscam refletir sobre como, a partir da história de si, que Kerman conta, outras histórias femininas, com a websérie, são contadas, imaginadas, no ambiente prisional, promovendo um debate sobre a escritura prescrita para sujeitos femininos e como estes a tem reescrito. Com isso, a partir das vivências narradas/encenadas destas mulheres em presídio feminino, nos propõem observar o cerceamento de suas vidas dentro e fora da prisão, em um processo de encarceramento físico e simbólico. A reflexão ainda nos leva a perceber a importância de um trabalho de reficcionalização de si, como esse, engendrado por mulheres, e seus entrecruzamentos biográficos, em prol de outras séries existenciais. Convida-nos, portanto, a visualizar essa (re)escrita feminina, para além da tela da série, a escutá-la, proliferando o gesto de reescrita de si, de biografização do real, pautado nesta poética feminista.

Olinson Coutinho Miranda e Djalma Thurler, no artigo “E se eu fosse uma lôka puta travesti?”, vão se dedicar a observar o movimento de escrita de si de Amara Moira em seu livro autobiográfico, intitulado *E se eu fosse puta*. Com essa pretensão objetivam “dar potência à lôka puta travesti, Amara Moira”, a partir das narrativas extraídas de sua obra citada, enquanto “um modelo potente para a subjetivação da loucura de uma puta travesti”, em um texto autobiográfico. Assim, analisam a narrativa de si de Amara Moira, explicitando suas dissidências sexuais e de gênero, sua transgressão à heterocisnormatividade. Destacam, portanto, a importância das narrativas autobiográficas de Amora, visto que traduzem uma realidade nua e crua de suas vivências pessoais em práticas sociais e sexuais na labuta diária de uma mulher trans que vende o corpo como forma de sustento e prazer. Nesse movimento de leitura e de reescrita de si, enfatizam também, como dispositivo imprescindível para se abrir outros caminhos libertários de vida, a estética lôka com sua língua soco: resistente, incômoda, agressiva, rasgada,

rasgante e desnortizante. Assim, ratificam a importância de se ter produções autobiográficas que trazem à cena as vivências de sujeitos marginais que revelam sua potência, ao tempo que expõem seus desejos, ações e alegrias.

Higor Antonio da Cunha, Emanuel Nogueira Ramos e Elni Elisa Willms, no artigo “Corpo e jogo dramático: o processo criativo na linguagem teatral como experiência de consciência e autoformação existencial” vão buscar compreender como sujeitos imersos em um processo criativo com a linguagem teatral, baseado em suas histórias de vida, podem vivenciar um movimento de autoformação existencial. Assim, enfatizam os processos identitários, formativos, no contexto do teatro, ou seja, através da experiência do jogo dramático, possibilitando o formar-se por si mesmo. Nesta reflexão são problematizadas categorias como sujeito criativo/sujeito social, ação/gesto, entre outras, de modo a se explicar a percepção de si, por meio do corpo, empreendida pelo sujeito criativo nesse contexto. A autopercepção de si, portanto é enfocada, observando-se os impulsos que permeiam a relação do sujeito com seu corpo, bem como os estereótipos e construções sociais que o atravessam.

Everton Nery Carneiro e Luis Távora Furtado Ribeiro em “*Wille zur Macht e Übermensch: Que eu venha a ser quem eu sou!*” propõem também uma reflexão sobre a formação humana, entretanto tomam como mote a escrita de Nietzsche, mais especificamente através dos seus conceitos: *Wille zur Macht e Wille zur Macht*. A partir destes buscam responder à pergunta: Como se chega a ser quem se é? Diante do problema apontado, seguem as pistas da escrita combativa e bailarina de Nietzsche, articulada com outras enunciações filosóficas e teóricas, e constatam que a formação humana vai sendo construída em uma grande luta, pois para se “chegar a ser o que se é”, é necessário combater o que já se é.

Danise Grangeiro e Tiago Ribeiro, autores do artigo “A experiência epistolar de investigadores narrativos: conversando e cartografando vidas, biografias e existências”, tratam de um encontro entre duas existências que se tocam e se deixam ressoar através de palavras em forma de corpo, de narrativas (auto)biográficas e de testemunho íntimo. A narrativa epistolar e a conversa, como forma de metodologia de pesquisa, abrem espaços para a

escrita (auto)biográfica e para a formação do sujeito, através de uma reflexão sobre a prática do viver. De acordo com o artigo, o conversar é uma forma de cartografar vidas, biografias e existências que gera mundos possíveis nos solos inférteis das certezas. O texto emerge a importância de uma escuta atenta e sensível, como um dos grandes desafios da nossa contemporaneidade.

O artigo escrito por Daniel Suárez, intitulado “Experiencia interrumpida, narrativas de sí y redes de investigación-formación-acción docente: reflexiones pedagógicas contemporáneas”, nos permite repensar as nossas experiências interrompidas, nossos relatos impotentes e as palavras não narradas especialmente nesse momento pandêmico. Clama para que rompamos o silêncio e para que nossas experiências não façam parte do esquecimento, a fim de que possamos alcançar horizontes de vida ou adentrar relatos que merecem ser explorados. Ademais, revela quão ferido e golpeado se encontra o diálogo social, a interação com outros nesse tempo presente incerto e impreciso. Desse modo, descreve de forma bastante profunda o experimentar contemporâneo, levanta as razões da nossa impotência frente ao que estamos vivendo, ao mesmo tempo em que nos dá esperanças de que nesse “jogo inédito de luzes e sombras” emerge novas formas de habitar e transitar espaços múltiplos, numa possibilidade de recriar a experiência espacial. Para Daniel Suárez, as narrativas, as novas linguagens, os encontros amorosos, a desaprendizagem, os relatos intercambiados e comentados entre pares e a criação de redes amorosas compostas de agentes escolares abrem espaços para a esperança de uma pedagogia poética.

Na sequência, neste volume há uma entrevista com o professor Gabriel Murillo da Universidade Antioquia da Colômbia que apresenta nas suas narrativas, reflexões sobre os seus quarenta anos de atividade profissional docente, suas experiências e estudos sobre a pesquisa narrativa. Escutar o Dr. Murillo, é de certa forma perceber-se dentro das narrativas dos seus alunos e mestres e dentro desse próprio saber pedagógico experiencial que ele vem construindo há tantos anos. Sua entrevista, sem dúvida, nos faz refletir como nós pesquisadores (auto)biográficos estamos contribuindo de forma contínua e crescente para uma reabertura de um debate interoceânico sobre a cultura e a pedagogia da memória.

Na entrevista o professor Dr. Murillo traz seu olhar profundo sobre a contemporaneidade, reflete sobre o momento pandêmico e as disrupções ocasionadas, clama por uma narrativa emergencial que carregue em si a ética e a estética da existência, assim como aporta caminhos a seguir, trazendo no seu relato reflexões interessantes. Conversar com o Dr. Murillo é conversar com outros. São inúmeros os autores citados nesta breve entrevista. Como um leitor voraz, desde muito pequeno carrega em si histórias lidas e refletidas. Ao lado dele, há sempre referências a serem brindadas. A entrevista que nos foi concebida de forma tão generosa é um passeio pelo campo literário, político e estético.

Para finalizar a edição, apresentamos a resenha crítica feita por Ieda Fátima da Silva, sobre o livro *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea* de autoria de Leonor Arfuch, o qual reúne uma coletânea de textos que faz uma tríade de questões: subjetividade, modo de narrar e razão dialógica, temas relevantes para o pensamento contemporâneo. A obra discute sobre a complexa relação entre sujeito, linguagem, sociedade, discursos representativos do biográfico, bem como as formas narrativas que constituem nossas práticas e discursos em nossa cotidianidade. Para a autora da resenha, a obra traz no bojo dos seus capítulos um itinerário traçado por uma genealogia, em que a autora revela os antecedentes históricos sob as formas autorais que se apresentam como canônicas, seguindo de uma crítica literária em torno da autobiografia na modernidade, dando espaço à compreensão e à interpretação dialógica entre autora, autores e leitores.

Aproveitamos para dizer que não podemos encerrar essa apresentação sem dedicarmos algumas palavras à nossa inesquecível Leonor Arfuch, eleita para ter livro resenhado nesta edição, citada em muitos de nossos textos, também na entrevista do professor Murillo. Ele, como amigo e leitor das suas obras, a descreve em detalhes e nos brinda memórias de encontros e narrativas compartilhadas com ela. No ano de 2021, convidamos Arfuch para nos conceber uma entrevista para esse Dossiê. De forma tão generosa e amável, ela se dispôs a conversar com os organizadores. Infelizmente, não chegamos a ter a oportunidade para intercambiar ideias. Fica a nossa eterna gratidão pelo acolhimento que ela nos proporcionou, pelas tantas narrativas facilmente doadas à nossa sociedade, pelo seu olhar crítico e

pela estética do viver. Não recebemos suas respostas, mas ficamos com a beleza do “sim” que nos foi oferecido; dessa aceitação ao nosso convite, dessa abertura de espaço para o diálogo, sempre tão prezada pela educadora.

Em uma das suas entrevistas, Leonor Arfuch refletiu sobre a (auto)biografia e a sua pretensão de eternidade. Fica ainda mais claro nesse momento pandêmico nossas disrupções experienciadas. Sem as doações das histórias de si – ainda que contadas em fragmentos, ainda que somente baseadas na oralidade, ainda que repletas de ficção – são elas as que ficam quando já não podemos estar mais por aqui. São elas que permanecem na memória, que circulam na sociedade e que contam um pouco ou muito do que fomos, do que somos e do que pensamos ser.

Despedimo-nos, então, com uma eterna gratidão a nossa grande mestra Leonor Arfuch por nos ter ensinado a dialogar com o outro e consigo mesmo de forma mais humana e consciente. Arfuch se manterá intacta, íntegra, inteira e plena nas nossas memórias. Suas narrativas são instrumentos que nos levam e nos levarão a revivê-la. Estamos certas, Professora, de que o diálogo continua. Esta edição da revista é prova disso. Assim sendo, comecemos a (nos) ler, a (nos) escutar, ampliemos o diálogo!

Áurea da Silva Pereira

Danise Grangeiro

Jailma dos S. Pedreira Moreira